

GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO: falar ou não falar sobre essas temáticas nas escolas de ensino fundamental I?



MORAIS, Ana Carolina de
ROMUALDO, Danielly Massardi
LESSA, Lara Fernandes
MARTINS, Pricila Fernanda



PEDAGOGIA

MEIRELES, Gabriela Silveira Meireles - Orientadora

INTRODUÇÃO

O gênero é concebido como uma construção histórico cultural e social, em que os indivíduos se identificam com características e comportamentos considerados masculinos ou femininos (SCOTT, 1995). Desde cedo, a divisão entre meninos e meninas ocorre nas escolas, nas práticas rotineiras, nas atitudes e valores que consideramos naturais e são reproduzidos sem questionamento. No momento em que separamos crianças por seu sexo biológico, reduzimos o seu mundo de descobertas e possibilidades.

Assim, o objetivo deste trabalho é questionar sobre as práticas sobre gênero e sexualidade consideradas naturais nas escolas, visando reconhecer a necessidade de desconstruí-las e modificá-las.

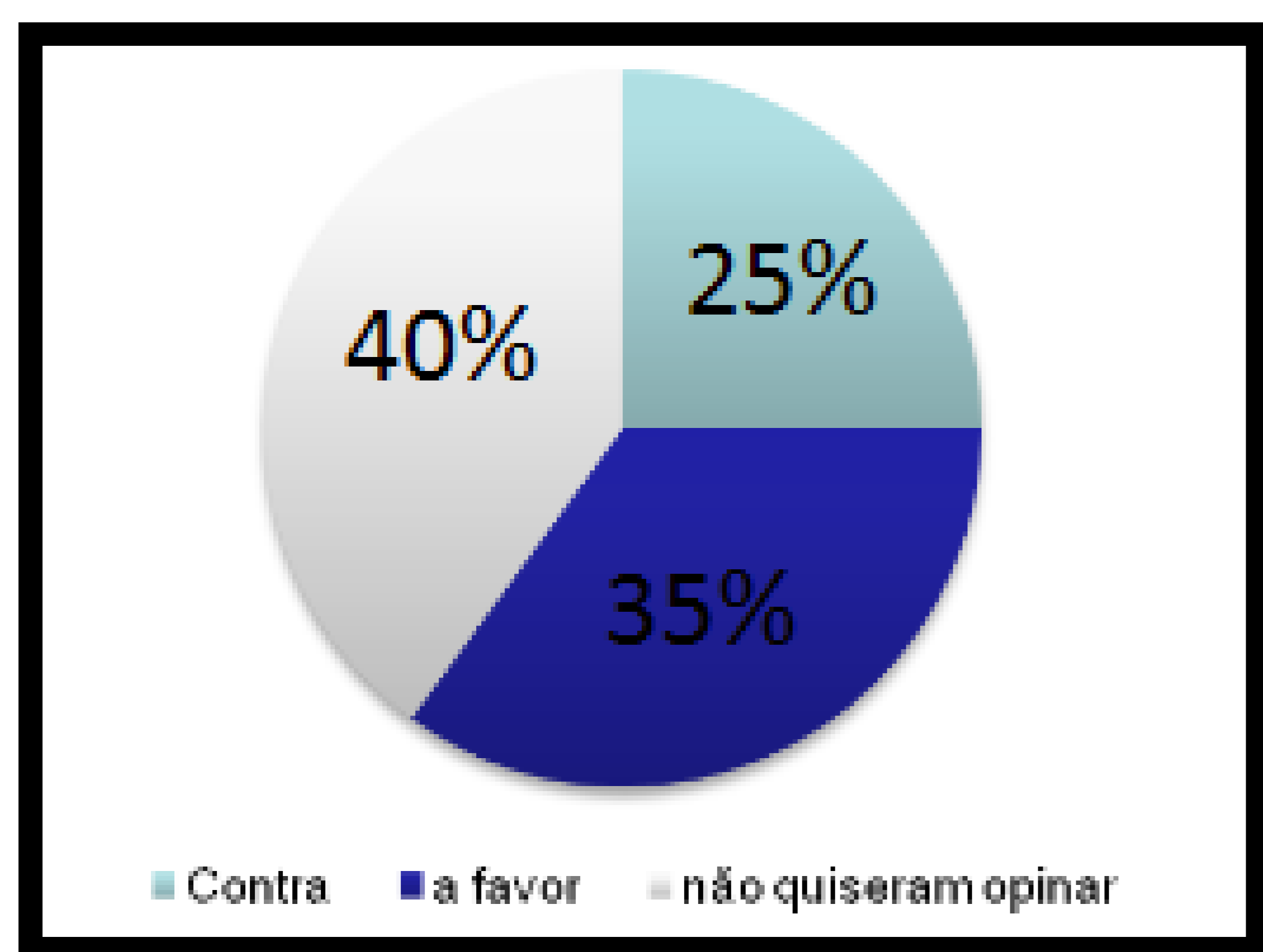
METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada a partir de questionários entregues para professores do Ensino Fundamental I de escolas públicas e privadas, com professores cujas idades variam entre 22 a 41 anos.

Quanto à forma de abordagem, a pesquisa foi quantitativa quanto à natureza de sua investigação, por ter utilizado de questionários com perguntas fechadas e bem definidas. Quanto aos fins, a pesquisa pode ser considerada qualitativa de cunho descritivo e exploratório (CARDANO, 2017), visto que os dados obtidos a partir dos questionários foram discutidos e refletidos em diálogo com o referencial teórico adotado na referida pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos na pesquisa realizada nos permitiram concluir que ainda é um tabu falar sobre gênero e sexualidade nas escolas. Ao serem indagados se seriam contra ou a favor a respeito de falar sobre essas temáticas nas escolas, os sujeitos investigados apresentaram os seguintes resultados:



A maioria dos professores que foram a favor de tratar das temáticas de gênero e sexualidade na sala de aula (35% dos pesquisados), consideram que deve haver uma adequação da linguagem para cada faixa etária, pois entendem que a compreensão da sexualidade variam ao longo da vida, indo desde a relação com o próprio corpo até o ato sexual em si.

Em relação aos docentes que se manifestaram de forma contrária à

abordagem desses assuntos na escola (25%), vale destacar que as questões culturais, religiosas e até mesmo a falta de informação foram os principais motivos utilizados pelos docentes para justificar esse tipo de posicionamento.

Outro dado interessante de observar é o alto índice de omissão das respostas (40% dos investigados). Entendemos esse resultado como um indicativo importante do momento político em que nosso país está vivendo, em que as disputas eleitorais indicam diretamente uma possível supressão da abordagem das questões de gênero e sexualidade nas escolas brasileiras, por meio de um programa intitulado “Escola Sem Partido”.

Na contramão disso, entendemos que a escola deve ser um espaço saudável onde se pode aprender e tirar dúvidas sobre gênero e sexualidade, onde se constrói laços de amizade e se conhece mais uns aos outros. A escola não é, ao contrário do que muitos pensam, somente um espaço para aprender e ensinar conhecimentos formais. Ela é espaço de convivência. É nela onde aprendemos com os outros a sermos nós mesmos, a sermos diferentes.

Quando se trata da sexualidade, muitas vezes a família não tem condições ou coragem para abordar o assunto de forma adequada. Muitas vezes, quando o faz, faz de forma preconceituosa ou baseada em preceitos e valores que a sociedade lhes impôs, sem uma reflexão crítica e situada. A escola é a instituição capaz de rever esses valores, questionar os preconceitos e garantir que todos os indivíduos sejam respeitados em sua integridade. O gênero e a sexualidade será apenas mais um desses aspectos a serem tratados com cuidado pela escola.

Ao finalizar esse trabalho, temos clareza de que: 1) Não é natural que meninos e meninas se separem para realizar trabalhos em grupo na sala de aula; 2) Não é natural que existam filas para meninos e filas para meninas nas escolas; 3) Não é natural que existam brinquedos diferentes para meninos e meninas; 4) Não é natural dividir ou separar cores para meninos e cores para meninas; 5) Não é natural que meninos sejam melhores em matemática e meninas em português; 6) Não é natural que os meninos são mais agitados e as meninas mais calmas e meigas. Esses pressupostos dividem e opõem o que é para um gênero e para outro (masculino e feminino) como se esse fosse um dado natural, como se sempre fossem e sempre tivessem que ser assim. Mas não é. Tudo isso pode ser diferente! Depende da educação que oferecermos às nossas crianças.

O mesmo ocorre para a sexualidade. Sempre pensamos que meninos podem namorar meninas (já aceitamos isso nas brincadeiras de criança! Desde que seja um menino e uma menina!). Rimos quando eles/as dão um “beijinho” (que logo chamamos de “inocente!”). Estimulamos as danças juninas de casaizinhos (e até achamos ruim quando nossos/as filhos/as não querem, por algum motivo, dançar com algum par). Até achamos “natural” quando eles passam a “brincar” com o seu “piu-piu” ou “pepeca” no banho... Mas, quando a professora nos chama na escola porque essa descoberta passou a ser do corpo do coleguinha... Aí o “tempo fecha”! É que, na verdade, é a gente mesmo/a que não está entendendo “bulhufas” de sexualidade. Mas, para evitar problemas, preferimos votar em programas como o “Escola Sem Partido” e deixar tudo bem “abafadinho” para não ter que lidar com aquilo que a gente mesmo não sabe “dar conta”.

REFERÊNCIAS

CARDANO, Mario. **Manual de pesquisa qualitativa**: a contribuição da teoria da argumentação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, n.2, p.71-99, 1995.